



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

O UNIVERSO FANTÁSTICO DE RAIMUNDO: Leitura de *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos

MIRLA NAIANDRA DE SOUSA ANDRADE

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2016**

MIRLA NAIANDRA DE SOUSA ANDRADE

O UNIVERSO FANTÁSTICO DE RAIMUNDO: Leitura de *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553u Andrade, Mirla Naiandra de Sousa

O universo fantástico de Raimundo: leitura de a terra dos meninos pelados, de Graciliano Ramos [manuscrito] / Mirla Naiandra de Sousa. - 2016.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2016.

"Orientação: Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e humanidades".

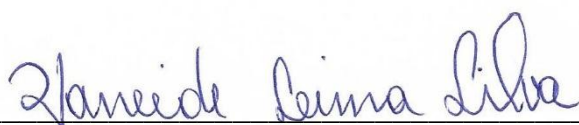
A terra dos meninos pelados. Graciliano Ramos. Fantasia. I.
Título.

21. ed. CDD B869.3

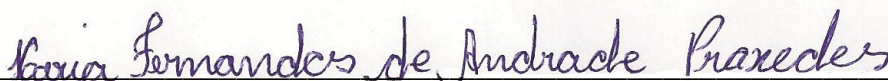
O UNIVERSO FANTÁSTICO DE RAIMUNDO: Leitura de *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos

MIRLA NAIANDRA DE SOUSA ANDRADE

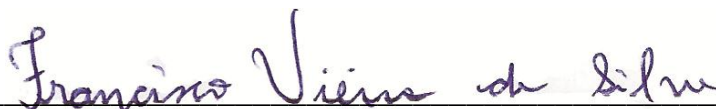
APROVADO EM: 20 de maio de 2016.



Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof^a. Ms. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
Examinador – UERN/CAMPUS AVANÇADO DE PATU

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria José Macena, heroína que me deu força, incentivo, e, apesar das dificuldades, nunca desistiu de mim. Ao meu amor, Vanierle Calixto, que, além de me fazer feliz, ajudou-me durante todo tempo, compreendendo-me e incentivando-me a nunca desistir. A minha querida avó, Maria Nice, que é uma segunda mãe, a qual sempre me aconselhou, mostrando o caminho certo. Obrigada pelas broncas, elas foram fundamentais na minha vida. Sem vocês nada disso seria possível. Obrigada por tudo. Essa vitória não é só minha, é nossa!

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho. Sem Ele nada sou.

À minha família, pelo apoio e incentivo.

À universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de cursar Letras.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem a ampliação dos meus conhecimentos.

À minha orientadora, Vaneide Lima Silva, pelo suporte, paciência e ensinamentos.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“O artista conduz os outros homens a um mundo de fantasia, onde seus anseios se libertam, afirmando, desse modo, a recusa da consciência humana em aceitar o condicionamento do meio: mobiliza-se assim um potencial de energias submersas que, por sua vez, regressam ao mundo real pra transformar a fantasia em realidade”.

Thomson (*op. cit.* Pinheiro, 2007)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a narrativa *A terra dos meninos pelados*, 1964 de Graciliano Ramos, procurando observar de que maneira a fantasia se configura na obra, sem deixar de destacar a importância deste recurso na produção literária infantil brasileira. Conforme se justifica no próprio título do livro, a “terra dos meninos pelados” sugere um lugar fora do mundo real, se configurando na narrativa como o lugar ideal, pois nele vivem as pessoas diferentes, as quais são aceitas e respeitadas. É o caso de Raimundo, protagonista da história, que sofre o preconceito dos colegas por ter a cabeça pelada e os olhos diferentes. A fantasia, neste caso, ou o mundo onde os anseios se libertam, permite a Raimundo a compreensão de sua própria identidade. Esse é o viés de leitura que traçamos para a interpretação da narrativa infantil de Graciliano Ramos, estudo de crítica literária cuja construção se pautou em trabalhos como os de Held (1990), Cunha (2003), Aguiar (2001), Silva e Martins (2010), dentre outros teóricos que serviram de base para a discussão que ora apresentamos.

Palavras-chave: *A terra dos meninos pelados*. Graciliano Ramos. Fantasia.

ABSTRACT

This study aims to analyze the narrative *The land of naked boys*, 1964 Graciliano Ramos, trying to observe how the fantasy is set in the work, while highlighting the importance of this resource in Brazilian children's literature. As justified in the title of the book itself, the "land of naked boys" suggests a place outside the real world, shaping up in the narrative as the ideal place because it live different people, who are accepted and respected. This is the case of Raymond, protagonist of the story, who suffers prejudice from colleagues for having the bald head and the different eyes. The fantasy in this case, or the world where desires are released, allows Raimundo understanding of their own identity. This is the reading of bias that we draw for the interpretation of children's narrative of Graciliano Ramos, literary criticism study whose construction was based on works such as Held (1990), Cunha (2003), Aguiar (2001), Grolnick (1993) , Silva and Martins (2010), among other authors that were the basis for the discussion presented here.

Keywords: The land of naked boys. Graciliano Ramos. Fantasy

INTRODUÇÃO

A terra dos meninos pelados (1937), do escritor alagoano Graciliano Ramos, narra a história de Raimundo, um menino que é discriminado pelas crianças da rua onde mora, por ter a cabeça “pelada” e “olhos de cores diferentes”. O personagem principal da narrativa usa a imaginação para se proteger do mundo real que lhe oprime por sua aparência e cria uma terra fantástica, “A terra de Tatipirun”, onde busca sua aceitação e descobre sua identidade.

Sendo assim, o livro põe em evidência os conflitos vivenciados por Raimundo, bem como a capacidade que as crianças têm de fantasiarem, traço genuinamente infantil que despertou nosso interesse pela obra, motivando, assim, a realização deste estudo.

A análise do protagonista da obra constitui nosso objetivo principal neste artigo, sendo que, para tanto, se fará necessária uma atenção especial ao enredo curto que revela a trajetória de Raimundo na “terra de Tatipirun” e o seu mundo imaginário. Pretendemos perceber, então, de que modo a fantasia é explorada na narrativa, destacando sua importância no contexto da produção literária para crianças. Para tanto, estudos como os de Ribeiro (2006), Aguiar (2001), Amarilha (1997), dentre outros, foram fundamentais.

Trata-se, assim, de uma pesquisa de base bibliográfica, uma vez que busca no aporte teórico-metodológico o suporte para o desenvolvimento da análise que realizamos. Desse modo, procuramos organizar o trabalho em dois momentos: inicialmente, consideramos importante situar o leitor no que concerne aos aspectos teóricos da narrativa para crianças, destacando os principais elementos do gênero. Num segundo momento, comentamos a produção literária de Graciliano Ramos e em seguida partimos para a análise de *A terra dos meninos pelados*, apontando, analiticamente, o papel da fantasia na obra.

Este trabalho é de grande importância para os estudos da Literatura, mais especificamente para a Literatura Infantil, uma vez que esta área contribui diretamente para a formação de leitores e leva os alunos infanto-juvenis a apreciarem o que de melhor a literatura pode oferecer a eles enquanto alunos, leitores e descobridores de novas aventuras através das obras literárias.

É importante destacar que a escola deve incluir na sua proposta pedagógica projetos que despertem o interesse dos alunos pela leitura literária, desde os

clássicos até os livros mais modernos, pois, como se sabe, há um universo muito grande de Literatura voltada para o público infanto-juvenil que sequer é explorado pelos professores na escola, nas aulas de leitura e interpretação de textos. Vale ressaltar ainda que o professor necessita conhecer esse universo para que possa ampliar e diversificar seu trabalho de leitura na sala de aula, não utilizando exclusivamente ao livro didático, cuja abordagem da Literatura pouco colabora para a formação do leitor literário.

1. SOBRE A NARRATIVA PARA CRIANÇAS

De acordo com Cunha (2003, p. 97), “irrequieta por natureza, incapaz de uma atenção demorada, a criança irá interessar-se naturalmente pelos livros onde, a todo momento, apareçam fatos novos e interessantes”, uma vez que o espírito infantil se caracteriza pela movimentação. Nesse sentido, podemos considerar o universo infantil uma oportunidade muito rica para se trabalhar a literatura, mais especificamente as narrativas, que tanto encantam crianças e jovens. A criança desenvolve muito cedo a capacidade de compreender e narrar histórias, essa capacidade poderia se chamar de competência básica, o que já é uma boa perspectiva para o professor. E este, enquanto mediador do processo deve trabalhar as narrativas levando em consideração o gosto e o interesse dos alunos, respeitando as suas escolhas e posicionamentos.

Na perspectiva de Aguiar (2001, p. 202), “as narrativas mais comuns são aquelas em que crianças, jovens e adultos frequentam as mesmas tramas, ora em harmonia, ora em conflito”, as quais tiveram origem através das narrativas orais transmitidas de geração em geração e surgem da necessidade de relatar acontecimentos heroicos e explicar fatos que não fosse compreendido pelo ser humano.

Segundo Cunha (2003, p. 22):

A literatura infantil começa a delinear-se quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

A autora ainda afirma que havia dois tipos de crianças que tinham acesso à literatura, a criança da nobreza e a criança das classes desprivilegiadas. “A criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia história de cavalaria, de aventuras”. (CUNHA, 2003, p. 22).

Ainda com base em Cunha, “essas histórias de cavalaria e de aventuras” constituirão a gênese da literatura para crianças e jovens. Grimm e Charles Perrault foram os colecionadores dessas histórias que ainda hoje permeiam a infância de muitas crianças.

Para classificar as narrativas infantis, Aguiar (2001) estabelece quatro critérios: a estrutura apresentada, a temática desenvolvida, os tipos de personagens e o efeito produzido pelo leitor. Sobre a estrutura apresentada, a autora aponta seis tipos de obras: mitos, lendas fábulas, apólogos, contos e novelas. O que diferencia são as formas das ações serem organizadas e narradas: “a literatura infantil, valendo-se da fantasia ou não, apresenta-se sob diferentes formas expressivas que são, antes de tudo, em prosa ou em verso. Dentro do primeiro grupo, encontramos os mitos, as lendas, as fábulas, os apólogos, os contos e as novelas.” (AGUIAR, 2001, p.86).

Com base na mesma autora, vimos que os **mitos** podem ser definidos como relatos que os homens criaram para explicar os fenômenos relacionados à origem e evolução do universo. As **lendas** são formas que o homem encontrou para explicar aquilo que não se entende e apresentam uma infinidade de seres sobrenaturais. As **fábulas** são histórias de animais personificados mantendo qualidades e ações da analogia. Por fim, os **apólogos** são histórias de objetos personificados que traz uma moral ou norma social.

Os tipos de narrativas mais frequentes para crianças, ainda segundo Aguiar (2001), são os contos e as novelas. Nos contos, podem ocorrer fatos de um passado indeterminado, e estes costumam contar tramas que são consideradas narrativas fechadas. Nas novelas, é mantida a importância do protagonista desenvolvendo suas ações lineares de tempo e apresenta uma estrutura remanescente dos contos tradicionais, uma vez que segue quase sempre um roteiro já muito conhecido e esperado pelo público, parecido com o que as crianças já estão acostumadas nos contos da literatura infantil.

Quanto ao segundo critério para classificar as narrativas infantis, o da temática desenvolvida, Aguiar (2001, p. 95) afirma que este “deve estar de acordo com o nível de compreensão e os interesses do leitor infantil”.

Já o terceiro critério diz respeito aos tipos de personagens. Segundo Aguiar (2001, p. 101):

A categorização das narrativas infantis segundo os tipos de personagens que elas apresentam remete a um número variado de história. A escolha da natureza da personagem e de suas características (idade, hábitos, comportamentos...) determinam a identificação da criança com o texto.

O efeito é o quarto critério utilizado por Aguiar para classificar as narrativas: “o último critério utilizado por nós para classificar as obras infantis é o que diz respeito ao efeito produzido no leitor, que pode ser, entre outros, de suspense, humor, terror ou lírico”. (AGUIAR, 2001 p. 102).

De acordo com esses critérios a narrativa infantil pode apresentar situações da realidade social (preconceito, violência) fatos do cotidiano, ficção científica, aventuras, religiosidade e ainda fatos policiais, causando emoções aos pequenos leitores como encantamento, terror, humor. O despertar dessas emoções, por sua vez, tende a provocar a identificação entre a obra e o leitor, daí a importância da Literatura Infantil na formação do leitor do texto literário.

Especificamente em *A terra dos meninos pelados*, deparamo-nos com algumas aventuras vividas por Raimundo na Terra de Tatipirun, bem como com o preconceito enfrentado pelo protagonista da narrativa. Tal realidade se aproxima das situações de marginalização em que se encontra uma parcela significativa da sociedade que sofre as consequências do preconceito de cor, condição social, gênero, dentre outras questões. Nesse sentido, o preconceito vivenciado por Raimundo tende a ser o mesmo enfrentado por tantos meninos e meninas que podem se identificar com o personagem e, a partir daí, ampliar sua experiência na medida em que se dá conta de que não está sozinho em sua angústia, em sua dor, enfim, em seu drama interior. Quando isso acontece, se verifica então a função social que a Literatura cumpre como nos apontam Silva e Martins (2010, p. 32):

Os gêneros literários talvez sejam dos mais significativos para a formação de um acervo cultural consistente. De um lado, como os textos literários costumam propositalmente trabalhar com imagens que falam à imaginação criadora, muitas vezes, escondidas nas entrelinhas ou nos jogos de palavras, apresentam o potencial de levar o sujeito a produzir uma forma qualitativamente diferenciada de penetrar na realidade.

Podemos afirmar, portanto, que a leituras de histórias tende a ampliar a experiência de vida dos leitores, que tem, através da dela, a oportunidade de expandir seus horizontes de expectativa. Daí a importância da leitura na sala de aula, afinal, ao incitar a imaginação criadora, o leitor tem a oportunidade de manter uma experiência com o ficcionado e, posteriormente, refletir a partir da experiência relatada. Diante da fantasia criada pelo escritor, Held aponta que (1980, p. 45) “a criança prolonga uma visão animista, do mundo, que certamente existiu, mas que se

torna, então... proteção, refúgio contra as exigências externas que atrapalham ou meio de se distrair quando se aborrece.” Não importa se utilizada como distração ou meio de reflexão, o importante é ler e ouvir histórias. Estas poderão figurar como um “brinquedo” ou pura diversão a serviço do amadurecimento pessoal e intelectual da criança.

1.1 Elementos indispensáveis na narrativa para crianças

O dramatismo, a movimentação, segundo Cunha (2003), indispensável na narrativa infantil, uma vez que, de acordo com a autora, “a criança irá interessar-se naturalmente pelos livros onde, a todo momento, apareçam fatos novos e interessantes, cheios de peripécias e situações imprevistas, movimentando-se assim o espírito infantil.” (CUNHA, 2003, p.97)

Ao caracterizar a narrativa para crianças, Cunha assegura que

O autor terá mais sucesso entre as crianças se evitar descrição e digressões longas, ainda que muito pitorescas, mas que não tenham nada com o fio da ação da história. Em geral elas interrompem o caso, e o resultado não será desejado pelo autor. (CUNHA, 2003, p. 98)

O diálogo sugere Cunha, torna-se mais necessário para crianças, uma vez que “atualiza a cena, presentifica os fatos, envolve mais facilmente o leitor que o discurso indireto”.

Quanto aos personagens, Cunha (2003, p. 98) também garante que eles são indispensáveis, observe:

As questões relativas às personagens são também muito importantes: o número, o aparecimento, as oposições entre as personagens, suas características, são pontos importantes a considerar, dentro do conjunto da obra. Quanto à classificação, as personagens serão frequentemente planas, sem grande complexidade.

O desenvolvimento de uma narrativa para crianças é diferente de uma narrativa para adultos, pois ainda com base no estudo de Cunha (2003), vimos que “a criança vem acostumando-se aos poucos aos processos narrativos da televisão e do cinema, mas nestes a imagem e outros processos ajudam a criança a perceber mudanças mais complexas de planos narrativos.” Por isso que alguns processos

utilizados em um romance para adultos não podem ser empregados em uma obra voltada para a criança.

Nas narrativas dirigidas para esse público, o recurso da linearidade se faz importante: “com tempo cronológico e não psicológico, sem cortes e voltas ao passado ou a cenas paralelas, sem fluxos de consciência” (CUNHA, 2003, p.99).

Outro aspecto que merece destaque ainda é quanto ao desfecho das narrativas. Concordamos com Cunha (2003) quando afirma que o desfecho feliz é indispensável, pois segundo a autora a criança identifica-se com a personagem simpática, e o final desagradável a feriria inutilmente.

Nesse sentido, torna-se necessária a participação do educador enquanto mediador do processo de leitura literária na escola, compreender a necessidade e a realidade do público com o qual está trabalhando, para se ter ideia previamente do material que melhor cairia no gosto das crianças, uma vez que estão começando a penetrar no mundo fantástico da literatura. Sendo assim, vale a pena lembrar o que afirma Amarilha (1997, p. 43):

Para adquirir a verdadeira autonomia na leitura, a criança não pode ser deixada a ler sozinha e sempre o mesmo nível de livros. O aprendizado da leitura é um ato social; ele resulta da interferência pedagógica de uma geração sobre a outra. Além disso, a educação não se dá sem esforço, pois ela deve combinar o trabalho do adulto e da criança.

Torna-se indispensável, portanto, o processo de acompanhamento do professor. Sendo este um mediador, deve se comportar de maneira não impositiva, pois a literatura, quando imposta, deixa de fazer parte do mundo e do gosto das crianças. Sendo assim, o professor deve se comportar como um adulto que ajuda no processo fazendo-as progredir nas leituras e compreensão das obras, tornando as aulas de leitura em experiências prazerosas e cheias de significado para os leitores em formação, afinal, a presença da Literatura no ensino fundamental deve estar a serviço da educação da sensibilidade.

2. FANTASIANDO COM RAIMUNDO NA *TERRA DOS MENINOS PELADOS*, DE GRACILIANO RAMOS

A terra dos meninos pelados, de Graciliano Ramos, conta a história de um menino de 12 anos chamado Raimundo, um menino que se diferenciava dos demais por ter um olho preto, outro azul e a cabeça pelada. Raimundo sofre bastante preconceito e discriminação dos colegas que sempre debocham dele chamando-o de “Pelado”. Certo dia, andando sem rumo, triste e cansado de ser alvo de piadas, Raimundo cria a “Terra de Tatipirun”, um país onde não há injustiças. Lá os carros falam, as aranhas tricotam roupas de teias, as cigarras tocam músicas em discos, os rios abrem caminhos, não há chuva, não há noite, não faz calor nem frio. As crianças deste país são todas carecas, umas muito altas, outras baixas, branquelas, com manchas, mas todas são aceitas e respeitadas como são.

Na “terra de Tatipirun” Raimundo conhece Pirengo, Talima - um menino anão - e vive uma grande aventura com seus novos amigos à procura da princesa Caralâmpia, que “tem nos braços pulseiras de cobras” e no peito “um broche de vaga-lume”. Apesar de Raimundo ser convidado a viver em Tatipirun, volta para Cambacará (nome que inventou para o seu mundo real): a lembrança de que precisa estudar a lição de geografia foi a grande motivação para que Raimundo voltasse para seu mundo real.

2.1 Em busca da fantasia: percorrendo a “terra de Tatipirun”

A vontade de viver em outra realidade, por se sentir oprimido e rejeitado pelo mundo exterior motiva Raimundo a criar um mundo fantástico: “A terra de Tatipirun”, lugar onde sua individualidade pudesse ser respeitada, uma vez que ele (o personagem principal da narrativa de Graciliano Ramos), não se sentia respeitado em suas diferenças, como se no mundo dos outros garotos somente houvesse lugar para quem fosse considerado “normal”, sem nenhuma diferença que os caracterizasse como tal. Dessa forma, Raimundo não tinha a sua personalidade respeitada, o que o fazia sonhar, certamente, com uma terra onde pudesse sentir sua identidade e aceita.

Em Cambacará, seu mundo real, descrito pelo personagem narrador como “uma terra de gente feia, cabeluda, com olhos de uma cor só.” (RAMOS, 1964, p.

19), Raimundo não tinha com quem se entender, daí a ideia de criar um outro mundo bem diferente de Cambacará. Nesse mundo, havia muitos meninos: “Bem uns quinhentos alvos e escuros, grandes e pequenos, muito diferentes uns dos outros. Mas todos eram absolutamente calvos, tinham um olho preto e outro azul.” (Ramos, 1984, p. 17). Tal lugar não era longe de casa e o contato com essa nova realidade se dá quando Raimundo

Levantou-se, entrou em casa, atravessou o quintal e ganhou o morro. Aí começaram a surgir as coisas estranhas que há na terra de Tatipirun, coisas que ele tinha adivinhado, mas nunca tinha visto. Sentiu uma grande surpresa ao notar que Tatipirun ficava perto de casa. (RAMOS, 1964, p. 10 e 11).

O isolamento em que se encontrava o menino motiva criar esse novo mundo, conforme justifica o fragmento abaixo:

Não tendo com quem entender-se, Raimundo Pelado falava só, e outros pensavam que ele estava malucando. Estava nada! Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho azul e outro preto. (RAMOS, 1964, p. 8)

Percebemos, então, que pela força da imaginação, Raimundo cria um mundo fantástico, que pode ser caracterizado como uma espécie de fuga. Ou seja, insatisfeito com sua realidade, o menino desconstrói tal realidade para constrói outra melhor. É importante observar que a imaginação fértil do menino evidencia um dos traços essenciais da infância, a capacidade de criar mundos fictícios nos quais é possível suprir suas carências e compensar, portanto, suas necessidades. Raimundo passa por essa experiência, confirmando, assim, o que Aguiar (2001, p. 83) destaca sobre a importância da imaginação no universo infantil: “a imaginação é um aspecto essencial da mente da criança, e é através dela que sua consciência elabora, num primeiro momento os dados da realidade circundante”. (AGUIAR, 2001 p.83).

Observe que, segundo a autora, o imaginar possibilita à criança a reorganizar, mesmo que imaginando, sua experiência. Nesse sentido, podemos afirmar que a imaginação é uma necessidade que precisa ser satisfeita, pois, através dela, a criança aprende a reelaborar sua realidade. Portanto, “o uso da

fantasia na literatura infantil é mais um recurso, já que toda criança compreende a vida pelo viés do imaginário”. (AGUIAR, 2001, p. 83).

Raimundo encontra forças para enfrentar as rejeições vindas do mundo real por meio do seu imaginário, procurando na fantasia seu espaço de liberdade e de aceitação. Sendo assim, podemos dizer que a imaginação é um elemento fundamental na trajetória do protagonista. De acordo com Carvalho (1989, p.21):

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados.

Tatipirun se apresenta como “terra agreste” na qual Raimundo encontra solo fértil para fluir a fantasia, e esta se apresenta na narrativa por meio da personificação, como se verifica no diálogo entre Raimundo e um automóvel:

(...) Era um carro esquisito: em vez de faróis, tinha dois olhos grandes, um azul outro preto.
 -Estou frito, suspirou o viajante esmorecendo.
 Mas o automóvel piscou o olho preto e animou-o com um riso grosso de buzina:
 -Deixe de besteira seu Raimundo. Em Tatipirun nós não atropelamos ninguém.
 (RAMOS, 1964 p.12 e 13).

A personificação possibilita o contraponto com o mundo real de Raimundo, ideia que se confirma quando o automóvel “diz” que em Tatipirun os carros não atropelam ninguém, numa possível referência ao fato de os meninos “atropelarem” Raimundo na medida em que o discriminavam. A humanização dos “seres fantásticos” é bastante recorrente em “A terra dos meninos pelados”. Vejamos quando Raimundo se depara com uma senhora laranjeira.

(...) porque é que a senhora não tem espinhos?
 - Em Tatipirun ninguém usa espinhos, bradou a laranjeira ofendida. Como se faz semelhante pergunta a uma planta decente? (RAMOS, 1964, p.14)

Até mesmo em uma terra fantástica há diferenças. Raimundo percebe isso em um diálogo com o menino sardento que também não estava satisfeito com sua aparência e tenta mostrar o seu projeto:

- Eu vou principiar. Olhe a minha cara. Está cheia de manchas, não está?
- Para dizer a verdade, está?
- É feia demais assim?
- Não é muito bonita, não.
- Também acho. Nem feia nem bonita.
- Vá lá. Nem feia nem bonita. É uma cara.
- É. Uma cara assim. Tenho visto nas poças d'água. O meu projeto é este: podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto. Não ficava bom?
- Para quê?
- Ficava mais certo, ficava tudo igual. (RAMOS, 1964, p.113-114)

Sendo assim, o protagonista não deixa de mostrar a realidade do seu dia a dia, revelando que é preciso viver bem em sociedade, ou seja, respeitando seus pares e tendo seus direitos respeitados. Podemos afirmar (categoricamente) que a experiência imaginária vivenciada por Raimundo é necessária para a resolução do conflito interior que marca a sua vida. Na verdade, Raimundo acaba fazendo uma “viagem” para dentro de si mesmo, chegando ao centro da própria existência, tendo como passatempo e companhia apenas a imaginação, confirmando, desse modo, a declaração de Campbell (1990), de que a resposta para os problemas está dentro de nós mesmo, talvez por isso Raimundo passe por um conflito interior para resolver outro exterior.

O personagem desconstrói o mundo em que vive fugindo da realidade que o discriminava, deixa de viver no seu mundo real e passa a viver no mundo fantástico. Essa mudança representa a fuga da realidade. Refletindo sobre esses aspectos, Ribeiro (2006, p. 17), afigura que a fuga representa a realidade que existe no inconsciente coletivo. Para o autor, "sua missão é lutar contra os conteúdos inconscientes reprimidos para não ser vencido por eles, criando uma situação interna que possa avançar para novas etapas da conscientização, união e relação da personalidade”.

A viagem de Raimundo foi muito importante, porque sempre que ele via algo parecido com que tinha na sua terra fazia comparações, pôde refletir sobre as diferentes personalidades da nova terra, como todos viviam em perfeita harmonia e como as coisas pareciam contribuir para o bem do visitante, pois o rio lhe dava passagem, a laranjeira saía do meio do caminho, a aranha lhe dava roupa para vestir.

Raimundo até hesitou na hora de voltar para casa, mas sempre fazia alusão à lição de Geografia, embora tivesse suas dúvidas quanto à importância de se estudar essa matéria.

Durante o tempo em que esteve na nova terra, Raimundo teve a oportunidade de conviver com o que ele podia considerar “diferente”, sem, contudo, haver naquela terra nenhum tipo de intolerância ou desrespeito à individualidade de cada um, por mais diferente que fosse, cada um tinha a sua importância. Raimundo volta para casa, um pouco mais amadurecido, certamente mais preparado para enfrentar os desafios inerentes às suas características que tanto o diferenciava na presença dos meninos de sua terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos no desenvolvimento da narrativa de Graciliano Ramos, especificamente em *A terra dos Meninos Pelados*, que a fantasia se faz presente na vida do personagem, permeando as relações pessoais e sociais, mostrando o interessante “mundo fantástico”. A fantasia na obra é explorada de uma maneira bastante lúdica, o que enriquece o enredo e faz com que o leitor sinta prazer na leitura e solte também a sua imaginação.

Durante a análise do enredo, vimos que o protagonista Raimundo, vive um conflito é ridicularizado e por isso constrói um mundo maravilhoso que serve como refúgio para as injustiças do mundo real. O protagonista faz uma viagem fantástica em busca de uma terra democrática, tentando fugir da realidade que o cerca, experiência que remete para o cotidiano das crianças em geral, as quais se encontram diante de questões como aceitação/não aceitação do outro com as suas diferenças. Sendo assim, a narrativa oportuniza a chance para se pensar nas situações de rejeição na sociedade em que vivemos e que se fazem presentes na vida das crianças.

Estas podem se identificar com o personagem Raimundo, que busca seu refúgio particular, criando um mundo imaginário, um lugar que proporcione viver suas individualidades, podendo se dá uma empatia entre o universo ficcional e o leitor, que pode sair mais experiente depois dessa leitura. Afinal, a literatura infantil, enquanto arte cria ou recria situações humanas com as quais podemos ou não nos sensibilizar, refletir e por que não aprender.

Concluimos, portanto que *A terra dos meninos pelados* deve integrar o rol das obras que compõem a Literatura infantil que, por sua vez, deve fazer parte do cotidiano das crianças e jovens leitores, não de uma forma imposta, mas de modo a despertar cada vez mais o interesse desses leitores pelo texto literário, o que fará com que se desperte cada vez mais a imaginação criadora e a fantasia das crianças.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.). **Era uma vez ...na escola: formando educadores para formar leitores** – Belo Horizonte: Formato Editorial,, 2001.

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**.6 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos, (1989). **A literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica** – 6ª Ed. São Paulo: Global.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 2007.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil – teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 2003.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

RAMOS, Graciliano. **A terra dos meninos pelados**. 37 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1964.

RIBEIRO, Maria Goretti. **A via crucis da alma**. Leitura mitopsicológica da trajetória da heroína de *As parceiras*, de Lya Luft. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. **Experiências de leitura no contexto escolar**. *In* Literatura: ensino fundamental/ Coord. Aparecida Paiva, Francisca Maciel, RildoCosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.